

ARTIGO

Tráfego desigual

No alto dos Andes, enquanto o denso verde das florestas ainda denuncia a temporada de férias de verão, um tráfego desigual de automóveis parece indicar o que se passa dos dois lados da fronteira. Enquanto modernos carros japoneses deixam o sul do Chile em direção à Argentina, em busca de diversão a baixo custo em Bariloche, antigos automóveis argentinos arriscam-se a seguir em direção ao Pacífico, para encontrar estradas impecáveis e preços quase proibitivos – para quem dispõe de pesos argentinos no bolso.

Nos dois lados existem semelhanças, é claro. Como a enorme burocracia dos postos de fronteira, onde os viajantes precisam aguardar até duas horas para seguir em direção ao seu destino. Ou alguns sinais de pobreza – bem menos alarmantes que a brasileira – nas pequenas cidades ao sul dos dois países. Mas é difícil não relacionar a diferença de porte dos automóveis que cruzam a fronteira com os

resultados obtidos nos últimos anos nesses dois países separados por uma cordilheira e também – segundo comentam as línguas maldosas – por uma língua comum.

O Chile ainda está longe de ser um país desenvolvido. E amarga também, como o restante do continente, uma persistente diferença entre ricos e pobres. Dito isso, porém, guarda uma pujança incomum na América do Sul. Suas estradas impecáveis são uma espécie de cenário para a movimentação do país em direção a um novo patamar econômico e social.

O modelo econômico aberto, aperfeiçoado após o fim da ditadura, tem permitido um crescimento econômico puxado por exportações a vários países com os quais o Chile tem acordos de livre comércio. Se isso já permitia o aparecimento de novos ricos e de seus reluzentes carros importados, agora a orientação para o mundo passou a ser parte de um modelo educacional ainda nascente, mas que já

inclui o projeto de se criar uma juventude bilíngüe, por meio do ensino universalizado do inglês, e até mesmo uma experiência embrionária de ensino de mandarim em escolas secundárias.

Assim como na Venezuela, porém, não param de chegar dólares à Argentina. A expansão econômica do mundo tem permitido um grande aumento das vendas de produtos básicos como alimentos e minérios. Os baixos

preços de Buenos Aires, além disso, ajudam a atrair uma legião de estrangeiros à cidade, que se recupera rapidamente dos sinais da crise econômica.

Crise? Os ricos argentinos fizeram a festa neste verão do balneário uruguaio de Punta del Este. Torraram em festas e passeios muitos dos dólares que conquistaram a partir do início da recuperação do país. O cenário chamou a atenção da revista Newsweek, que dedicou várias páginas de uma edição local em janeiro para citar

exemplos do que chamou de “volta do otimismo”.

Se não otimismo, sente-se mesmo um clima de alívio na Argentina. O pior da crise certamente já passou. Na região de Puerto Madero, em Buenos Aires, um apartamento com vista para o rio da Prata já custa mais de US\$ 1 milhão. Antigos sinais, no entanto, ainda indicam que o caminho para a recuperação ainda não está tão bem pavimentado quanto as estradas do país vizinho. Nos supermercados, avisos de preços controlados, por acordo com o governo, indicam uma inflação à espreita. Os apagões de verão, por outro lado, mostram que ainda há muito a investir na recuperação da infra-estrutura. Esses antigos fantasmas não ameaçam a reeleição do presidente Nestor Kirchner. Mas podem causar problemas depois que os votos forem contados.

(Fonte: www.congressoemfoco.com.br)



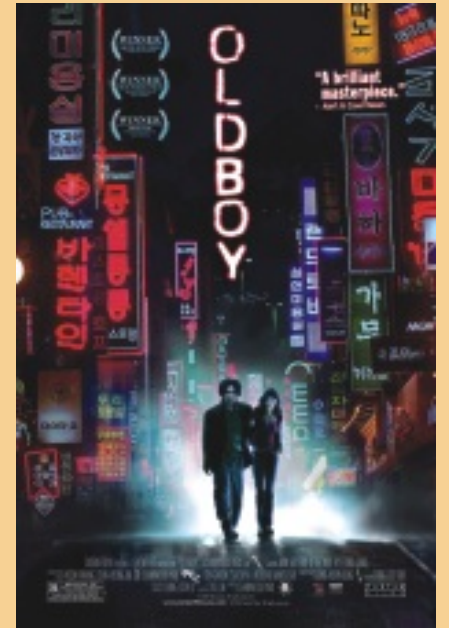
“O pior da crise Argentina já passou”

Marcos Magalhães

Jornalista profissional desde 1982, mestre em Relações Internacionais pela Universidade de Southampton (Inglaterra).

DICA CULTURAL

DVD



Filme:

Old Boy,

(Suspense)

Quem viu?

Luiz Alberto Cassol(*)

Duração:

120 minutos

Se filmes com violência física e psicológica não lhe fazem a cabeça, que tal uma nova chance? Prepare-se para ser surpreendido a cada nova cena do filme apresentado aqui. E o que será escrito a partir de agora, pode ficar tranquilo. Não é a história completa. Logo no início, você se depara com seguinte trama: *um homem é seqüestrado e preso durante 15 anos, sendo libertado após este período. Sua sede de vingança passa por descobrir quem tirou sua liberdade e o porquê? Mas logo ele saberá quem. Seu algoz trata de apresentar-se e explicar que não se trata de saber o porquê ele foi preso e sim tentar encontrar a resposta do porquê foi libertado?*

Essa é a proposta de *Old Boy*, produção sul-coreana, de 2004, dirigida por Park Chan-Wook. Uma impressionante história narrada de forma surpreendente e avassaladora. E quando você achar que tudo foi mostrado e dito o filme chega e revela: tem mais!!! É hora de ficar sem fôlego, cúmplice das violentas cenas e dos sofrimentos físicos e psíquicos dos personagens. Certamente é uma das principais produções mundiais dessa primeira década do século 21.

(* Produtor de Vídeo e Cinema em Santa Maria)